



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA-UnB  
FACULDADE UnB PLANALTINA -FUP  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO -LEdoC**

**JOSINA PEREIRA DA SILVA**

**AS FÁBULAS KALUNGA NA COMUNIDADE VÃO DE ALMA: UM ESTUDO DE  
CASO NA ESCOLA DONA JOANA PEREIRA DAS VIRGENS**

**Planaltina - DF  
2014**

**JOSINA PEREIRA DA SILVA**

**AS FÁBULAS KALUNGA NA COMUNIDADE VÃO DE ALMA: UM ESTUDO DE  
CASO NA ESCOLA DONA JOANA PEREIRA DAS VIRGENS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na Área de Linguagens.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rosineide Magalhães de Sousa

**Planaltina - DF  
2014**

**JOSINA PEREIRA DA SILVA**

**AS FÁBULAS KALUNGA NA COMUNIDADE VÃO DE ALMA: UM ESTUDO DE  
CASO NA ESCOLA DONA JOANA PEREIRA DAS VIRGENS**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa - UnB (Orientadora)

---

Prof<sup>a</sup>.Doutoranda Severina Alves (Examinadora)

---

Prof<sup>a</sup>. Doutoranda Roberta Rocha Ribeiro (Examinadora)

Planaltina-DF  
2014

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me dado saúde força, coragem e fé para enfrentar este caminho que sempre sonhava de um dia ser realizado na busca de conhecimento, assim podendo cursar a graduação de Licenciatura em Educação do campo.

Dedico também meus pais por ter construído minha vida e de serem pessoas que tanto me quer bem e sempre orando pra que posso alcançar meus objetivos. E novamente a Deus por ter me colocado no mundo.

Dedico meu esposo, por ter me dado um grande apoio nesses quatro anos de caminhada, por ser uma pessoa boa e que não estava bem de saúde, mas mesmo assim compreende a importância e o valor da conquista do nível superior para mim.

Aos meus filhos que todos me adoram e que tanto amo, davam força para ir enfrente nessa jornada, que para mim, não era fácil devido a distância que me separavam deles. Mas durante essa ausência eles ficaram com pai, tio e avôs..

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus pela luz do dia que guia meus passos em todos os momentos da minha vida, por ter me dado o poder de existência nesta Terra através de buscar o conhecimento da minha identidade pessoal, conhecendo o direito da humanidade.

A professora Rosineide Magalhães, por possibilitar a segurança e suporte necessário à construção desta monografia. Por ser além de orientadora, amiga.

A professora Severina Alves por ter contribuído bastante, carinhosamente no andamento da monografia em construção, contribuindo com suas ideias e de ser uma pessoa muito especial..

Aos professores Roberta ao ter ajudado a descobrir o tema da minha monografia e o Djiby que se disponibilizaram gentilmente em ajudar nesse processo de construção do conhecimento científico para o TCC.

A professora Ana Aparecida, pelo seu empenho de estar com a turma de linguagens estimulando todos seus esforços para eficaz produção escrita. Há todos outros professores que contribuíram no processo do meu conhecimento e aprendizagem neste curso.

Todos contribuidores na construção do projeto e na organização desse trabalho As pessoas da minha comunidade que colaboram para a pesquisa de vinda e volta para o curso e todos colegas de curso que compartilhou comigo.

## **LISTA DE ABREVIATURAS**

PPP	Projeto Político Pedagógico
LEdoC	Licenciatura em Educação do Campo
FUP	Faculdade Universidade de Planaltina
UnB	Universidade de Brasília

## RESUMO

Este trabalho investiga o gênero Fábula na comunidade Vão de Almas – Go a partir de dois eixos: as fábulas orais dos adultos e as escritas produzidas por alunos de 10 a 15 anos da Escola Dona Joana Pereira das Virgens, situado na própria comunidade. Os principais autores utilizados nesta monografia são: Sousa e Velasco(2007), Rojo(2007, 2009), Bortoni-Ricardo (2008,2005), Caldart(2000), Bagno (2007) entre outros. A pesquisa também conta com a contribuição metodológica da Etnografia, que gerou dados escritos de registros coletados em campo. Apresenta um breve histórico sobre a luta dos movimentos sociais do campo por uma Educação do Campo no país. E contribui como registro de memória tradicional, cultural e linguístico de uma sociedade camponesa que acolhe a diversidade de sujeitos que propõem o trabalho cultural na escola como apoio de recurso pedagógico da comunidade Vão de Almas.

Palavras Chave:Gênero Fábula. Educação do Campo. Memória tradicional, cultural. Sujeito.

## **ABSTRACT**

This work investigates the Fable kind in Vão de Almas community from two axes : the oral tales of adults and writings produced by students 10-15 years of the School Dona Joana Pereira of the Virgin , situated in the very main community .The authors used in this monograph are: Sousa and Velasco (2007 ), Rojo (2007, 2009), Bortoni - Ricardo ( 2008-2005 ) , Caldart (2000 ) , Bagno (2007 ) among others. The research also includes the methodological contribution of Ethnography , which generated written data records collected in the field . Presents a brief history of the struggle of the social movements of the field by a Rural Education in the country. And contributes as registry traditional, cultural and linguistic memory of a peasant society that welcomes diversity of subjects that propose the cultural work in school as a teaching resource in support of Vão de Almas community.

**Keywords:** Fable. Memory. Ethnography, rural education.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPITULO I PROCEDIMENTO METODOLOGICO .....	15
1 Pesquisa qualitativa e a etnografia.....	15
1.2 A comunidade Kalunga Vão de Almas.....	17
1.3. Escola municipal Dona Joana Pereira das Virgens.....	18
1.4 Participantes da.pesquisa.....	19
1.5 Instrumentos de. pesquisa.....	19
1.6. Objetivo da pesquisa .....	20
1.6.1 Objetivo Geral.....	20
1.6.2 Objetivos Específicos.....	20
1.7.Perguntas de pesquisas.....	21
CAPITULO II FUNDAMENTAÇÃO TEORICA .....	22
2.1 Pressuposto da Sociolinguística .....	22
2.1.1Variedade e variação linguístico.....	22
2.1.2 Fatores Extralinguísticos.....	25
2.1.3 Nível de Variação.....	26
2.1.4 Letramento.....	27
2.1.5 Diferentes Tipos de letramentos.....	28
2.1.6 Gêneros Discursivos .....	30
2.1.7As fabulas.....	31
2.1.8 Memórias.....	32
CAPITULO III.....	34
EDUCAÇÃO DO CAMPO E LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO A CAMPO ...	34
3.1 A lutas dos movimentos por Educação do Campo.....	36
3.2Licenciatura em Educação do Campo da UNB/FUP LEdoC.....	36
CAPITULO IV REVELANDO A DIVERSIDADELIMGUÍSTICA DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS.....	38

4.1 As fábulas.....	40
4.1.1 Fábulas narradas (oralmente).....	40
Fábula 1.....	41
Fábula 2.....	42
Fábula 3.....	42
Fábula 4.....	43
Fábula 5.....	44
Fábula 6.....	45
Fábula 7.....	46
Fábula 8.....	46
Fábula 9.....	47
Fábula 10.....	47
Fábula 11.....	48
Fábula 12.....	50
Fábula 13.....	51
Fábula 14.....	51
4.1.2 AS fábulas Escritas pelos estudantes da Escola Dona Joana das Virgens.....	53
Fábula 1.....	53
Fábula 2.....	53
Fábula 3.....	54
Fábula 4.....	54
Fábula 5.....	55
4.2 ANALISE DISCURSIVAS:CARACTERÍSTICAS DA ORALIDADE E DA ESCRITA NO GÊNERO FÁBULAS.....	55
4.1.2 Da oralidade dos mais velhos à escrita dos mais novos.....	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	59



## INTRODUÇÃO

Este trabalho investiga as fábulas na Comunidade Kalunga Vão de Almas, onde podemos perceber a importância delas a partir da realidade local. O intuito foi, à luz da sociolinguística, analisar algumas fábulas antigas, bem como, algumas novas, de acordo com as variações linguísticas da Comunidade Kalunga Vão de Almas.

Devido à importância que as fábulas têm para a comunidade quilombola Kalunga, fui motivada a realizar essa pesquisa, a qual irá contribuir para maiores informações sobre a comunidade Vão de Almas, além de ajudar a mim e aos meus alunos a obtermos novos conhecimentos. Meu interesse pela temática está baseado no texto que estudei nas aulas de linguagem na Licenciatura em Educação do Campo LEdoC/FUP/UNB de Planaltina, quando li no texto que Língua e Gramática não são a mesma coisa, pois, segundo Luiz Antônio Marcuschi (2011).

Existe uma grande variedade de gêneros de teorias de gêneros no momento atual, mas pode – se dizer que as teorias de gênero que privilegiam a forma ou a estrutura estão hoje em crise, tendo em vista que o gênero é essencialmente flexível, tal como seu comportamento crucial, a linguagem. Pois, assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, removem-se e multiplicam - se. Em suma, hoje a tendência é observar os Gêneros pelo seu lado dinâmico, processual, social interativo, cognitivo, evitando a classificação a postura e a estrutura (MARCUSCHI, 2011, p. 19).

Nesse sentido, o trabalho explora a dinamicidade, a situacionalidade, a historicidade e a plasticidade dos gêneros, mostrando que eles não são classificáveis como formas puras, nem podem ser catalogados de maneira rígida. Devem ser visto na relação com as práticas sociais, os aspectos cognitivos, os interesses, as relações de poder, as tecnologias, as atividades discursivas considerando cada cultura. Os gêneros textuais fundem-se e misturam-se para manter sua identidade funcional com inovação organizacional.

Em suma, os gêneros não são superestruturas canônicas e deterministas, mas também não amorfos e simplesmente determinados por pressões externas. São formações interativas,

multimodalizadas e flexivas de organização social e de produção de sentidos. Assim, um aspecto importante na análise do gênero é o fato de ele não ser estático nem puro. Quando ensinamos a operar com um gênero, ensinamos um modo de atuação sociodiscursiva numa cultura e não um simples modo de produção textual. Em essência, os gêneros são formas de ação tática, como dizia Bhatia (1993), ou seja, a ação com gêneros é sempre uma seleção tática de ferramentas adequadas a algum objetivo (MARCUSCHI, 2011, p. 20).

Os gêneros textuais que circulam na Comunidade Kalunga Vão de Almas são aqueles que as pessoas mais usam para as necessidades comunicativas cotidianas. São inúmeros: bilhetes, revistas, livros, bula de remédio, rádio, telefone, receita médica, receita de bolo, lista de compras, receitas culinárias, cartas, etc.

Ao tomar conhecimento da existência dessa realidade, resolvi pesquisar na Escola Dona Joana Pereira das Virgens na Comunidade KALUNGA Vão de Almas os tipos de gênero utilizados pela professora, e constatei que as fábulas se configuram como um gênero trabalhado em sala de aula com os alunos.

Portanto, percebi que as fábulas são um gênero textual que é trabalhado nessa escola. Segundo Marcuschi (2011),

[...] Na realidade, os estudos dos gêneros textuais é uma fértil área interdisciplinar, com atenção especial para o funcionamento da língua e para as atividades culturais sociais. Desde não concebemos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como, formas culturais e cognitivas de ação social. corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros entidades dinâmicas. Mas, é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, sejam sobre a ponte de vista do léxico, do grau de formalidade ou da natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). Os gêneros como linguagem limitam nossa ação na escrita. Isto faz com que Amy Devitt (1997) identifique os gêneros como linguagem estãnder, o que, por um lado, impõe restrições e padronizações, mas, por outro, é um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação (MARCUSCHI, 2011, p. 18).

De acordo com a citação acima, percebe-se que os gêneros são formas de aprender, gerando novos conhecimentos, inclusive de variações linguísticas, que buscam a criatividade da linguagem e das identidades do ser humano. Portanto,

compreende a leitura e a escrita através de discurso oral direto e indireto com as mais variadas linguagens do nosso dia-a-dia.

Esta exposição traz a temática tratada neste trabalho, que está dividido em três capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo trata da metodologia, o segundo, da fundamentação teórica e o terceiro registra a análise de dados.

## **CAPÍTULO I: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Este capítulo apresenta a metodologia utilizada na pesquisa realizada na Comunidade Vão de Almas, objetivos geral e específicos e a pergunta de pesquisa que direcionam as etapas desta monografia.

### **1. PESQUISA QUALITATIVA E A ETNOGRAFIA**

Este trabalho tem como base de pesquisa a metodologia e análise qualitativa, na perspectiva etnográfica, relatando um processo de conhecimento de campo que requer uma “geração de registro. O pesquisador de campo gera um processo de investigação baseado na pesquisa discursiva sobre a busca de conhecimento de um contexto da realidade de campo, indica as questões seguintes situacionalmente apropriadas (ERIKSON, 1984).

O trabalho de campo é fortemente indutivo, mas não há induções puras. O etnógrafo leva para o campo um ponto de vista teórico e um conjunto de questões, implícitas. As perspectivas e as questões podem mudar no campo, mas o pesquisador tem uma idéia-base a partir da qual inicia a investigação. O que resulta do questionamento em campo é uma descrição:

1) da regularidade do comportamento social em uma situação social considerada como um todo; 2) de como o etnógrafo experienciou aquelas regularidades estando lá na situação social; e 3) de como ele vê a situação e o comportamento situacional à luz da ampla variedade de comportamento humano já encontrado. O que entendo pelos termos desta proposição - “regularidade”, “situação social”, “todo”, “estar lá”, “sua visão”, “variedade de comportamento humano”- forma o conteúdo do que se segue neste ensaio (ERICKSON, 1984, p. 80). (aspas do autor).

Esta metodologia foi utilizada em nossa pesquisa, que tem como objeto do estudo pessoas idosas da comunidade, professores e estudantes. O intuito foi pesquisar as fábulas, entendidas como parte constitutiva na construção de teorias a respeito da organização social e cognitiva da vida, considerando o valor humano e o nível dos estudantes.

Nesse contexto, ao iniciar o trabalho, fiz pesquisa com pessoa da comunidade para registrar fábulas orais e escrita da Comunidade KALUNGA Vão

de Almas, Município de Cavalcante - Goiás. Onde o senhor Albertino Bispo da cunha, Ademir Francisco da conceição, Dona Odiva Pereira da Silva e Maria das Graças Vieira Maia, nascidos e criados nesta comunidade me narraram algumas fábulas, que já conheciam, porque moro na mesma comunidade. Mas para desenvolver e ir além de mais conhecimentos fui pesquisar na Escola Dona Joana Pereira das Virgens, no dia 30 de Janeiro 2014 para trabalhar fábulas na escola com os alunos. Lá, tive a oportunidade de conversar e dialogar com os educandos as características de fábulas que eles usam para produzir textos. Com apoio da professora consegui analisar cinco textos dos alunos do 5º ano, para identificar algumas características de fábulas.

É uma metodologia trabalhada que busca a intimidade dos alunos. Através deste trabalho na sala de aula, os educandos gostaram muito e quiseram continuar produzindo o texto fábula. No entanto, compreenderam que os seres humanos têm raciocínio de criar novas experiências de diálogo como se os animais estivessem conversando um com outro. Para os alunos, foi interessante, eles dialogaram reconhecendo recurso da realidade local. Para conseguir este trabalho foi proporcionada uma data na escola no dia 31 de Janeiro de 2014, para produção dos textos fábulas, onde foi dado o tema e cada aluno escolheu o título e produziu seu texto.

Este projeto ajudou a descobrir informações valiosas, pois pude estar em contato com pessoa mais velha e nova da minha comunidade, que tem muito a contribuir conosco, tanto neste trabalho como em outros. Portanto, percebo a grande importância da pesquisa para a educação.

Um dos méritos do trabalho pedagógico com fábulas, de acordo com os pesquisadores do Grupo de Genebra, é o fato de proporcionar o desenvolvimento da autonomia do aluno no processo de leitura e produção textual como uma consequência do domínio do funcionamento da linguagem em situações de comunicação, uma vez que é por meio das fábulas que as práticas de linguagens incorporam as atividades dos alunos.

Cabe, ao professor portanto, criar condições para que os alunos possam apropriar-se de características discursivas e lingüísticas de gêneros diversos, em situações de comunicação real. Isto pode ser feito com muita eficiência

por meio de projetos pedagógicos que visem ao conhecimento, à leitura, à discussão sobre o uso e as funções sociais dos gêneros escolhidos e, quando pertinente, a sua produção escrita e circulação social. (LOPES-ROSSI, 2002, p. 70-71).

O trabalho com fábulas é um segmento de desenvolvimento de prática pedagógica que ajuda o aluno a melhorar a escrita e a leitura de texto. De acordo com a comunidade, pretendo gravar, transcrever e analisar o modo de falar das pessoas, através das práticas culturais da realidade local, que busca resgatar os valores e os saberes locais na escrita de texto, na oralidade e na análise discursiva da sociolinguística, para colocar em prática algumas memórias dos conhecimentos pessoais das pessoas mais velhas e novas na escrita de texto.

Depois de realizado o trabalho, pretendo levá-lo, repassar para a comunidade e inserir nas escolas para ser trabalhado como recurso de apoio pedagógico na área interdisciplinar. E como fonte de pesquisa para os alunos ou pessoas da comunidade e outras pessoas que pretendem pesquisar para a construção de outro trabalho sobre o assunto em tela.

## **1.2. A COMUNIDADE KALUGA VÃO DE ALMAS**

A Comunidade Vão de Almas é uma comunidade de quilombola que é localizada no Município de Cavalcante a 80km da sede. A estrada que liga essa comunidade a sede e na estrada de terra, com serra, ainda em difícil condição de um bom transporte. O transporte público que atende a população é um caminhão que vai uma vez por mês, que buscar o povo para a cidade e leva de volta. A condição de energia elétrica, internet é de 80 km a distância do município. Na comunidade não tem infra- estrutura como: água encanada, energia elétrica etc.

A população kaluga é formada por descendentes dos primeiro quilombolas e de pessoas que fixaram na região ao longo dos séculos, que passaram a viver em relativo isoladamente, construindo para se uma identidade e uma cultura próprias, com elementos africanos de suas origens e europeus, marcados pela forte presença do catolicismo tradicional do meio rural.

O povo kalunga é uma comunidade de negros que fugiram do cativeiro há 300 anos e organizaram um quilombo há muito tempo num dos lugares mais bonitos do Brasil, a região da chapada dos veadeiros no norte de Goiás. Toda a área que eles ocupavam foi reconhecida oficialmente em 1991 pelo Governo do Estado de Goiás como sítio Histórico que abriga o patrimônio cultural kalunga parte essencial do patrimônio histórico e cultural brasileiro. São histórias contadas pelo pai do avô e antes deles pelo avô de seu bisavô.

### **1.3. ESCOLA MUNICIPAL DONA JOANA PEREIRA DAS VIRGENS**

A Escola Dona Joana Pereira das Virgens é localizada no Bairro Parida, na Comunidade Kalunga Vão de Almas Município de Cavalcante Goiás, desde 1988. Ela foi construída com o telhado de palha, parede de alvenaria com uma sala de aula. Até hoje mantém-se a mesma forma, nunca houve mudança por parte do telhado, mas, diminuiu o espaço físico por falta de apoio de infra-estrutura. E por falta de reforma, foi construída uma escola pequena com uma sala pelos moradores da comunidade. Ela foi criada devida a necessidade dos habitantes da localidade sobre o estudo dos seus filhos. A escola ensina criança de 1º ao 5º ano múltissériado do ensino fundamental, com a finalidade de formar cidadãos críticos e participativo com uma visão ampliada de interpretação das diferentes linguagens que circulam na sociedade.

Portanto, que a escola formou uma boa comunidade. E tem esse nome por ser dirigido de uma pessoa mais velha que gerou essa comunidade. Por isso, o nome ficou para a escola do lugar, assim passando o conhecimento de geração para geração. São crianças que estudam nessa escola, filho de familiares pobres. São crianças que não tem lugar adequado para moradia e tem baixa renda. Seus pais trabalham na roça e não tem salário mínimo. Cultivam a terra e dela tira o sustento de sua família.

Alguns educandos e professores tem muita dificuldade para chegar na escola, porque moram longe e ainda tem que atravessar rio de canoa nos tempos chuvoso. Esses educandos e professores gastam 800 m, e outros 1500 m, à 6 km, para chegar na escola. Não temos transporte escolar devido à condição de

acesso que a comunidade ainda não foi atendida de acordo com a necessidade do lugar. Então, temos problemas de escola, saúde, transporte etc.

Criar esse espaço é uma iniciativa relevante, pois, possibilita o fortalecimento e o entendimento do processo histórico que veio a se construir durante esses (25) anos pelo qual movimentam seres humanos nessa localidade. Construindo para a construção efetiva do ser humano em condições de melhoria de educação, ensino e aprendizagem na sociedade.

A pesquisa foi realizada com pessoa da comunidade e alunos de primeira fase do ensino fundamental do 5º ano que revelarão suas práticas orais de leitura e escrita.

#### **1.4. PARTICIPANTES DA PESQUISA**

Para efetuar este trabalho, foi realizada uma data para coleta de dados a partir de entrevistas nas casas dos falantes, na Comunidade Kalunga Vão de Almas, sendo 05 estudantes de (10) á (15), anos e 12 pessoas adultas na idade de acordo com alguns ( 22), ( 37), ( 40 ),(50),(62), (65), (74) ( 75), (77) e (83) anos, e na Escola Dona Joana pereira das Virgens para discurso e produção de texto fábula com 07 alunos do 5º ano, onde foram analisados cinco textos, sendo que todos tem a mesma origem. São nascidos e criados na mesma região de Goiás, que faz identificar como goiano, o segundo entrevistado. O objetivo dessa diversidade foca nos resultados de dados que busca a respeito da realidade local em consideração aos gêneros dos discursos, de acordo com o modo de falares que acontece nos falantes dessa comunidade em pesquisa.

#### **1.5. INSTRUMENTOS DE PESQUISA**

A pesquisa necessita de pessoas idosas da comunidade e alunos para contribuir com a estruturação da análise, em que abordarão vários tipos de fábulas na escola em sala de aula, através de fábulas escritas e oral que revelarão as qualidades de fábulas na comunidade na casa dos entrevistados e na escola com objetivo de análise de memórias de fábulas antigas voltado para a identidade e cultura do falantes pesquisados da comunidade. Consiste ainda no

detalhamento da leitura e da produção escrita para extrair e informações de qualidade e autênticas. Em torno das variações linguísticas que visa o sujeito na sociedade de forma autônoma e criativa.

Para efetuar este trabalho, para registro de dados, foram analisadas entrevistas na casa dos falantes na comunidade kalunga. Os materiais utilizados para essa pesquisa estão sendo câmaras fotográfica, papel, lápis, e as anotações feitas durante o processo de observações em todos os espaços de aglomeração de falantes.

Foram realizadas gravações de fábulas tradicionais que são falada oralmente pelas famílias nativas e escrita registrada pelo pesquisador e pelos alunos de uma escola, com a finalidade de apresentar a cultura pelos mais velhos que estão sendo esquecida pelos mais jovens. As informações colhidas por meio das entrevistas gravações, permitiram a realização da revelação das variedades lingüísticas da comunidade em busca dos valores culturais.

## **1.6. OBJETIVOS DA PESQUISA**

**1.6.1. Objetivo Geral:** Investigar as fábulas Kalunga da Comunidade Vão de Almas.

### **1.6.2. Objetivos Específicos**

1.6.2.1. Identificar o reconhecimento da comunidade através de fábulas antigas, oral e escritas.

1.6.2.2. Analisar cinco textos fábulas produzido pelos alunos do 5º ano da Escola Dona Joana Pereira das Virgens para identificar as estratégias de construção da Fábula.

1.6.2.3. Identificar e analisar a construção das fábulas por pessoas mais velhas da comunidade Vão de Almas.

## **1.7. PERGUNTAS DE PESQUISA**

1.7.1. O que as fábulas dos jovens e dos adultos revelam sobre a comunidade Vão de Almas?

1.7.2. Como se deu o processo de construção das fábulas para contribuir ao letramento dessa comunidade.

Neste capítulo descrevemos os procedimentos metodológicos que nos permitiu realizar a pesquisa. No próximo capítulo apresentamos parte da bibliografia consultada, isto é, as teorias que sustentam a discussão e análise dos dados.

## CAPÍTULO II: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1. PRESSUPOSTOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA

Para compreender a Sociolinguística é preciso perceber discussões encadeadas na perspectiva de vários teóricos a respeito da língua e suas especificidades. Sobretudo, além dos fenômenos que permeiam a língua com seus significados, representados pela fala em diversos contextos, fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, semânticos, lexicais e pragmáticos. Segundo Tolomeu, (*apud* ROJO, 2007), a sociolinguística é uma corrente da linguística assumindo diversas formas de compreender a língua em situação de uso.

De acordo com Bagno (2007), a Sociolinguística surgiu nos Estados Unidos em meados de 1960, quando muitos cientistas da linguagem decidiram que não era mais possível estudar a língua fora da sociedade. Ademais, foi Labov (2008) quem impulsionou a realização desta perspectiva da Língua em contexto social, sendo mesmo considerado o pai da sociolinguística.

Bagno (2007, p. 38) afirma que um dos objetivos da sociolinguística, no âmbito do trabalho científico, é necessariamente, poder “relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social”. E ainda coloca que a língua e sociedade estão indissoluvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma construindo a outra.

Para o sociolinguístico é impossível estudar a língua sem estudar, ao mesmo tempo, a sociedade em que essa língua é falada, assim como também outros estudiosos – sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais etc. Assim, não dá para estudar a sociedade sem levar em conta as relações que os indivíduos traz entre si por meio da linguagem (BAGNO, 2007).

De acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p.148) “desde meados dos anos 1960, quando o termo sociolinguístico apenas começava a ser aceito, esta disciplina vem ampliando seus objetivos de investigação, além da explicação dos processos de mudanças linguísticas”. A autora argumenta ainda que, na atualidade, durante a última década, converteu-se em uma disciplina central, preocupada com todos os aspectos da comunicação verbal nas sociedades humanas. Em particular as formas de comunicação influem e refletem as relações

de poder e denominação, com o papel que a linguagem joga na formação e perpetuação de instituições sociais, como a transmissão da cultura.

### **2.1.1. Variedade e Variação Linguística**

Variedades linguísticas são as variações que uma língua apresenta a partir das condições sociais, culturais e regionais de determinado grupo. Segundo Sousa (2007), variedade linguística é o modo de falar a língua de acordo com a característica de um povo ou de determinada região geográfica. Para ela, uma variedade linguística é compreendida como diversos modos de expressar uma língua, com suas variações nos níveis fonéticos, fonológicos, morfológicos, e semânticos. Esses diferentes modos de falar relacionam-se aos fatores sociais em que seu lugar de origem, idade, sexo, classe social e grau de instrução (SOUSA, 2007).

Variedade ou variante linguística se define pela forma pela qual determinada comunidade de falantes, vinculados por relações sociais ou geográficas, usa as formas linguísticas de uma língua natural. Refere-se a cada uma das modalidades em que uma língua se diversifica, em virtude das possibilidades de variação dos elementos do seu sistema, isto é, níveis de variação linguísticos (vocabulário pronúncia, sintaxe), ligadas a fatores extralinguísticos, sociais ou culturais (escolaridade, profissão, sexo, idade, grupo social etc.) e geográficos (tais como o português do Brasil, o português de Portugal, os falares regionais etc.).<sup>1</sup>

A variação linguística é um fenômeno que acontece com a língua e pode ser compreendida através das variações históricas e regionais. Em um mesmo país, com um único idioma oficial, como ocorre no Brasil, a língua pode sofrer diversas alterações feitas por seus falantes. Como não é um sistema fechado e imutável, a língua portuguesa ganha diferentes nuances. O português que é falado no Nordeste do Brasil pode ser diferente do português falado no Sul do

---

<sup>1</sup> [http://pt.wikipedia.org/wiki/Varia%C3%A7%C3%A3o\\_lingu%C3%ADstica](http://pt.wikipedia.org/wiki/Varia%C3%A7%C3%A3o_lingu%C3%ADstica). Acesso 20-Nov-2014).

país. Na verdade, é o idioma nos une, mas as variações podem ser consideráveis e justificadas de acordo com a comunidade na qual se manifesta (PEREZ, S/D).<sup>2</sup>

Ainda de acordo com essa autora,

As variações acontecem porque o princípio fundamental da língua é a comunicação, então é compreensível que seus falantes façam rearranjos de acordo com suas necessidades comunicativas. Os diferentes falares devem ser considerados como variações, e não como erros. Quando tratamos as variações como erro, incorremos no preconceito linguístico que associa, erroneamente, a língua ao *status*. O português falado em algumas cidades do interior do estado de São Paulo, por exemplo, pode ganhar o estigma pejorativo de incorreto ou inculto, mas, na verdade, essas diferenças enriquecem esse patrimônio cultural que é a nossa língua portuguesa (PEREZ, S/D).<sup>3</sup>

Para Bagno (2007 p. 27), a língua portuguesa, no Brasil, possui uma grande variedade dialetal, onde o valor social relativo é atribuído aos diferentes modos de falar. Ademais, é comum considerar as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas.

Partindo da noção de heterogeneidade, a sociolinguística afirma que toda língua é um feixe de variedades. Cada variedade linguística tem suas características próprias que servem para diferenciá-la de outras variedades. Por exemplo, nem todas as variedades linguísticas do português brasileiro apresentam o “s chiado” em final de sílaba. Algumas variedades usam TU como pronome de terceira pessoa, do singular (BAGNO, 2007).

De acordo com Sousa, (2007, p. 39) o conceito de variação linguística “é a espinha dorsal da sociolinguística”, de modo que, para compreender esse fenômeno complexo e fascinante, os sociolinguísticos formularam alguns conceitos e definições, todos derivados do verbo variar. É importante ter clareza dessa terminologia para evitar empregá-la de forma equivocada como, normalmente acontece, conclui a autora.

Segundo Perez (s/d), as variações linguísticas existem porque vivemos em uma sociedade complexa, na qual estão inseridos diferentes grupos sociais, com suas culturas específicas. Alguns desses grupos tiveram acesso à educação.

---

<sup>2</sup> Fonte onte: Luana Castro Alves Perez. [http://www.portugues.com.br/redacao/variacao-linguistica-](http://www.portugues.com.br/redacao/variacao-linguistica-2)

<sup>2</sup>: Luana F Castro Alves Perez. <http://www.portugues.com.br/redacao/variacao-linguistica-lingua-movimento.html>lingua-movimento.html. Acesso: 20-Nov-2014.

. Acesso: 20-Nov-2014.

formal, ou seja, escolar, enquanto outros não tiveram muito contato com a norma culta da língua. Podemos observar também que a língua varia de acordo com suas situações de uso, pois um mesmo grupo social pode se comunicar de maneira diferente, de acordo com a necessidade de adequação linguística.

### 2.1.2. Fatores Extralinguísticos

De acordo com Sousa e Vellasco (2007, p. 43), para se fazer um trabalho de investigação sobre a variação linguística, os sociolinguísticos selecionam um conjunto de fatores sociais que podem auxiliar na identificação dos fenômenos de variação linguística. São fatores que, dentre outros possíveis, têm se revelado mais relevantes para a pesquisa.

As autoras apontam os seguintes fatores que interferem na variedade linguística, quais sejam:

**a) Origem Geográfica:** a língua varia de um lugar para outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa.

**b) Status Socioeconômico:** as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa;

**c) Grau de Escolarização:** o acesso maior ou menor à educação formal e, com ele à cultura letrada, à prática da leitura e aos usos da escrita, é um fator muito importante na configuração dos usos linguísticos dos diferentes indivíduos;

**d) Idade:** os adolescentes não falam do mesmo modo como seus pais, nem estes pais falam do mesmo modo como as pessoas das gerações anteriores;

**e) Sexo:** homens e mulheres fazem usos diferenciados dos recursos que a língua oferece;

**f) Mercado de Trabalho:** O vínculo da pessoa com determinadas profissões e ofícios incide na sua atividade linguística: uma advogada não usa os

mesmos recursos linguísticos de um encanador, nem este os mesmos de um cortador de cana;

**g) Redes Sociais:** cada pessoa adota comportamentos semelhantes aos das pessoas com quem convive em sua rede social; entre esses comportamentos

### 2.1.3. Níveis de Variação

Sousa e Vellasco (2007, p. 39) apresentam como aspectos primordiais no estudo da variação linguística os níveis de variação fonéticos, fonológicos, morfossintáticos, semânticos, lexicais e pragmático. Para essas autoras, a **fonética** e a **fonologia** são ciências que não se confundem. A fonética trata do aspecto material dos sons da linguagem, ou seja, da substância do significante. Já a fonologia diz respeito aos sons com ou sem significação linguística, isto é dos fonemas.

Quando lidamos com alunos que têm acesso muito limitado à norma culta em seu ambiente social, temos de levar em conta a influência das regras fonológicas e morfossintáticas de seu dialeto na aprendizagem do português padrão. Os “erros” que cometem são sistemáticos e possíveis quando são conhecidas as características do dialeto em questão (BORTONI-RICARDO 2005, p. 53).

No que diz respeito à **semântica**, sua incidência se dá quando uma palavra pode ter outro sentido dependendo da origem regional do falante. Por exemplo, a palavra *avexar* pode significar “causar vergonha –“ ou “apressar”. Para tanto, é percebido que o objeto de estudo das relações dão sentido ao seu significado (TOLOMEU, 2013, p. 35).

Já o **léxico**, segundo Cabral (1973), pode revelar os interesses culturais de uma dada comunidade. O autor cita E. Sapir, para afirmar que os sistemas linguísticos apresentam uma evolução muito mais lenta do que os demais fatores da cultura. Para Guimarães e Zoppi (2006, p. 152), o fator léxico “é um fato social e assim sendo, está sujeito às forças sociais que permeiam as relações entre os sujeitos”. Os autores na articulação com o discurso, a descrição linguística atenta para esse fato, levando em consideração que as mesmas palavras podem ter

sentido diferentes, conforme as posições sustentadas pelos sujeitos. Assim, a polissemia e a contradição estão intrinsecamente ligada à descrição linguísticas.

No que diz respeito à **pragmática**, esta é o ramo da linguística que estuda a linguagem no contexto de uso. As palavras, em sua significação comum, assumem muitas vezes outros significados distintos no uso da língua e, mais recentemente, o campo de estudo da pragmática passou a englobar o estudo da linguagem, enquanto a semântica e a sintaxe constituem a construção teórica. A pragmática, portanto, estuda os significados linguísticos determinados não exclusivamente pela semântica proposicional ou frásica, mas aqueles que se deduzem a partir de um contexto extralinguístico, discursivos, situacional, etc. (DANILO E MARCONDES, 2008).

Segundo Sousa e Vellasco (2007), com esses conjunto de fatores, é possível estudar a língua falada por diferentes grupos sociais, identificando como falam os jovens do sexo masculino, entre 18 e 19 anos, com escolaridade inferior a 4 anos, que vivem na periferia da cidade de São Paulo; como falam as mulheres agricultoras do Sertão com mais de 60 anos, analfabetas; como falam os homens com mais de 40 anos, com curso superior completo, com renda superior a dez salários mínimos, moradores da zona sul do Rio de Janeiro, etc. Sendo assim, ao selecionar fatores sociais e fenômenos linguísticos relevantes para o estudo, a pesquisa sociolinguística permite que se faça um retrato, o mais fiel possível, de como é a realidade dos usos da língua no Brasil.

#### **2.14. LETRAMENTO**

O termo letramento é geralmente empregado para indicar um acervo cultural preservado por meio da escrita. Podemos usar o termo letramento no plural, ou então nos referir à cultura de letramento para preservar a ideia de que não existe só uma cultura de letramento. Nas comunidades sociais, convivem culturas de letramentos associados a diferentes atividades: sociais, científicas, religiosas, profissionais etc. Também existem manifestações culturais letradas associadas à cultura popular como a literatura de cordel, por exemplo. Uma cultura de letramento é construída de práticas sociais em que as pessoas se

apoiam em textos escritos e lidos ou lidos e preservados na memória (RICARDO-BORTONI, p. 43).

Nesse sentido, os letramentos também são a descrição escrita de vários objetos antigos encontrados nas comunidades, conservados pelas pessoas que retratam a cultura do lugar e a tradição local, como a língua, os costumes os saberes tradicionais, são letramentos como práticas sociais.

De acordo com Soares (1998, p. 72), “letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais; é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social”.

#### 2.1.5. Diferentes Tipos de Letramento<sup>4</sup>

Tendo como base os estudos de Soares (2003) e Klaiman (2003), existem letramentos e não letramento. Sendo assim, apresentamos, a seguir, algumas dessas categorias, destacando o letramento multimodal, por está mais diretamente ligado às análises sociolinguísticas de nosso trabalho.

**a) Letramento Básico:** Proficiência em Linguagem e numeração nos padrões básicos para desempenho no trabalho e sociedade para alcançar os seus objetivos e desenvolver o seu conhecimento e potencial nesta Era Digital.

**b) Letramento Científico:** Conhecimento e compreensão dos conceitos científicos e processos requeridos para se fazer uma decisão pessoal, participação em relações cívicas e culturais, e produtividade econômica.

**c) Letramento Econômico:** A habilidade de identificar problemas econômicos, alternativas, custos, e benefícios: analisar os incentivos no trabalho em situações econômicas; examinar as consequências de mudanças em condições econômicas; políticas públicas, coletar e organizar evidências econômicas, pesar os custos e benefícios.

**d) Letramento Tecnológico:** Conhecimento sobre como é a tecnologia, como funciona, a que propósito serve, e como ela pode ser usada efetivamente para alcançar com sucesso os objetivos específicos.

**e) Letramento Visual:** A habilidade de interpretar, usar, apreciar, e criar imagens e vídeo usando formas de mídia convencionais e do século 21 que acelerem o pensamento, o poder de decisão, comunicação, e aprendizado.

**f) Letramento de Informação e Midiático:** A habilidade para avaliar informação por meio de uma série de mídias; reconhecer quando a informação é necessária; localizar, sintetizar e usar informação eficazmente e realizar estas funções usando tecnologia, redes de comunicação, e recursos eletrônicos.

**Letramento Multicultural:** A habilidade para compreender e apreciar as similaridades e diferenças nos costumes, valores, e crenças de sua própria cultura e de outros.

**g) Letramento Acadêmico:** Esse tipo de letramento diz respeito à leitura e escrita na educação Superior. No tocante à escrita na universidade, David Russel (2009), afirma que é algo bastante especializado, muito mais especializado do que na escola secundária. Para ele, os alunos devem aprender a usar vocabulários especializados (com frequência, passamos boa parte de uma disciplina introdutória [dada] na universidade, ensinando terminologia e conceitos). No entanto, eles também precisam aprender novos gêneros ou formas, aqueles que sejam apropriados à pesquisa em determinado campo, pelo menos em níveis mais avançados de educação superior. Para isso, a leitura se torna a ferramenta que possibilitará uma escrita de qualidade.

**h) Letramento Multimodal:** Graças ao avanço das novas tecnologias digitais, surgiu uma nova prática de letramento, o letramento multimodal. Esses textos multimodais auxiliam na produção de significados através das imagens e já fazem parte do universo escolar. Entretanto, as imagens são ainda vistas como um meio de comunicação menos especializado que o verbal, já que a escola menospreza a leitura de textos visuais, o que termina por produzir “iletrados visuais”. (LEEUWEN, 1996) *apud* (BARBOSA, SANTOS E OLIVEIRA, 2010).

O letramento multimodal envolve as práticas de leitura e escrita. Essas, por sua vez, também são consideradas práticas sociais, indispensáveis para o nosso cotidiano. Vivendo em uma sociedade cada vez mais visual, os textos da *internet* por exemplo, são textos multimodais, pois, apresentam mais de uma linguagem, através de suas representações e/ou ícones visuais que se encarregam da comunicação entre seus usuários. As imagens ainda são vistas como um meio de

comunicação menos especializado que o verbal. Daí, a necessidade do letramento visual (BARBOSA, SANTOS E OLIVEIRA, 2010).

### **2.1.6. GÊNEROS DISCURSIVOS**

Segundo Marcusch (2008) os estudos dos gêneros textuais é uma importante área interdisciplinar, notadamente no que diz respeito ao funcionamento da língua e das atividades culturais e sociais.

Desde que não concebemos os gêneros como modelos estanques nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, veremos os gêneros como entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, sejam sobre o ponto de vista do léxico, do grau de formalidade ou da natureza dos temas (BRONCKART, 2001) *apud* (MARCUSCH, 2008).

Nessa perspectiva, podemos afirmar que os gêneros discursivos são aqueles que circulam na sociedade através de jornais, revistas, fotografias, etc, de forma que falamos oralmente, debatemos, discutimos sobre assunto que tenha a ver com a fala oral, por meio de plenária, um seminário, uma palestra, diálogo, carta, etc., e assim outros momentos que envolvem a fala na oralidade.

De acordo com Lopes-Rossi (2011, p.71), alguns gêneros discursivos que se prestariam bem a projetos pedagógicos de leitura, nos vários níveis de ensino, são rótulos de produtos, bulas de remédio, propagandas de produtos, propaganda políticas, etiquetas de roupas, manuais de instrução de equipamentos, contratos, nota fiscal, etc.

Para os autores, as atividades de leitura, em todo caso, devem levar os alunos a perceberem que a composição dos gêneros, em todos os seus aspectos verbais e não verbais, nas informações que apresentam ou omitem, algumas se destacam mais do que outras, e são planejadas de acordo com sua função social e seus propósitos comunicativos.

Nesse sentido, a leitura de gêneros discursivos nem sempre pressupõe a produção escrita. Esta, no entanto, implica sempre em atividades de leitura, para que os alunos se apropriem das características dos gêneros que produzirão. É

por isso que um projeto pedagógico para produção escrita, deve sempre ser iniciado por um módulo didático de leitura para que os alunos se apropriem das características do gênero a ser produzido. Isso contribui para a formação de um cidadão crítico e participativo na sociedade (LOPES – ROSSI, 2011).

Para Bezermam (2006), nesse contexto o conceito de gênero constrói a partir da observação da necessidade que as pessoas têm de compreender umas às outras para participarem, compartilharem, realizarem atividades sociais.

Assim mostra que gêneros são possíveis de mudanças de acordo com o decorrer do tempo e dos campos por onde eles transmitem: As mudanças podem ser tão profundas que os nomes dos gêneros mudam, ou o que não é considerado gênero passa ser. Nesse processo, o homem exerce um papel singular, ativo, pois é a partir dele, do seu contexto sociocultural – histórico e das suas necessidades comunicativas que surgem novos gêneros textuais ou são modificados os já existente.

## **2.17. AS FÁBULAS**

As fábulas, presentes na classificação de Gomes e Moraes (2013, p. 39), entre os contos de animais, são classicamente definidas como contos com animais ou seres inanimados personificados como personagens e que apresentam, por fim, uma lição de moral.

Na civilização ocidental é atribuída a Esopo, escritor da Grécia Antiga, engenhosa idéia instruir os homens e inculcar – lhes princípios de moral por meio da narração de fábulas. “Presume-se que Esopo, tenha colhido os motivos de suas fábulas no Oriente, por causa da ligação comercial que o reino da Lídia (Grécia Antiga), no qual vivia Esopo, mantinha com os assírios” (GOMES E MORAES, 2013, p. 39).

Segundo esses autores, as fábulas atribuídas a Esopo encontram-se esparsas em diversas obras desde a Antiguidade, “como as de Rochiloco, Alceu, Stesichoro, Aristóteles Platão, Diodoro, Plutarco e Luciano, até os dias atuais, sido estudadas, adaptadas e sempre identificadas como fábulas de Osopo, embora seja possível que ele nunca as tenha escrito.

Assim, como os provérbios, as fábulas também podem ser vista de tradição oral de caráter metafórico e normativo exemplar ou normalista, mas, “no entanto,

enquanto os primeiros se apresentam na forma de frases curtas estas são construídas em narrativas, podendo ou não apresentar uma frase final que sintetize a moral por ela vinculada” (GOMES; MORAES, 2013, p. 40).

## 2.18. MEMÓRIA

Santos (2010) afirma que aparentemente a maior parte da nossa memória repousa sobre nossa capacidade de imaginar. Mas os filósofos têm procurado mostrar que a memória enquanto forma de conhecimento deve ser compreendida como parte dos nossos pensamentos e de nossas ações. “Talvez a melhor forma de nos darmos conta da presença marcante da memória seja pensar a vida sem a memória” (SANTOS, 2012, p. 57).

Ainda para essa autora, o funcionamento da memória passa a ser explicado a partir do estudo do que Neisser chama de contradições naturais ou ecológicas de seu aparecimento. Ele utilizou a definição de memória semântica feita por *Tulving*, eliminando o conceito de memória episódica.

Em outras palavras, toda memória seria uma memória semântica, isto é dependeria das condições sociais. A partir dessas mudanças, o objeto de estudos dos psicólogos tornou – se muito próximo daqueles analisados por sociólogos e antropólogos: fatos, histórias, rotinas familiares, condutas, matérias aprendida na escola e eventos vividos pessoalmente. Pesquisadores oriundos de campos disciplinares diversos consideram os eventos singulares ou a sequência de evento como o ponto de partida para o estudo da memória (NISSER, 1990b, p. 359) apud ((SANTOS, 2012, p. 71).

Nesse sentido, e ainda conforme Santos (2012), as novas abordagens referentes à memória rejeitaram a pesquisa clássica sobre o sistema de armazenamento e recuperação de experiência passadas e voltaram-se para a análise das circunstâncias e contextos em que a memória se insere.

A fragilidade da memória de infância é um tema importante para aqueles que estudam a memória e são muitas as teses a esse respeito. Para Helbwachs, citado por Santos (2012), a memória dos adultos consolida-se a partir dos quadros coletivos da memória a que têm acesso. Quando o adulto se recorda de um tombo ocorrido na infância ainda que sem a presença de qualquer

testemunha, ele reconstrói acontecimento a partir das lembranças do lugar, das pessoas que o cercavam e do contexto de época. São lembranças familiares que se consolida e registram os eventos ocorridos na infância. A aqueles que lembram, ao narrarem suas lembranças, estão sempre trazendo à tona memórias que foram construídas coletivamente (SANTOS, 2012, p. 77).

### **CAPÍTULO III:**

## **EDUCAÇÃO DO CAMPO E LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Para entender a educação básica do campo na luta política pelo direito humano nas áreas rurais, é preciso considerar que há uma enorme desigualdade no processo de ensino e aprendizagem na realidade camponesa. Segundo Oliveira e Campos (2012, p. 237), “A educação, como direito de todos ao acesso e à permanência na escola, está consagrada na Constituição brasileira (art.206), que indica a necessidade de elaboração, firmamento, implementação e avaliação de políticas mantida pela União, estado e municípios”. Assim, a educação básica necessita de políticas de universalização para se tornar efetivamente um direito de todos inclusive dos povos do campo, para que os profissionais da educação e os usuários das instituições escolares se formem assegurando suas territorialidades e identidade sociais.

### **3.1. A LUTA DOS MOVIMENTOS POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

O processo da Educação do Campo nomeia um fenômeno da realidade brasileira atual, protagonizado pelos trabalhadores do campo e suas organizações, que visa a incidir sobre a política de educação desde os interesses sociais das comunidades camponesas. Os objetivos e sujeitos a remetem às questões do trabalho, da cultura, do conhecimento e das lutas sociais dos camponeses e ao embate (de classe) entre projetos de campo e entre lógicas de agricultura que têm implicações no projeto de país e de sociedade e nas concepções de política pública, de educação e de formação humana (FRIGOTTO, 2010).

Para esse autor, a realidade que (re)produz a Educação do Campo não é nova, mas ela inaugura uma forma de fazer seu enfrentamento. Ao afirmar a luta por políticas que garantam aos trabalhadores do campo o direito à educação, especialmente à escola, a uma educação que seja no e do campo, os movimentos sociais interrogam a sociedade brasileira: por que em nossa formação social os camponeses não precisam ter acesso à escola e a propalada universalização da educação básica não inclui os trabalhadores do campo? Uma

interrogação que remete à outra: porque em nosso país foi possível, afinal, construir diferentes mecanismos para impedir a universalização da educação escolar básica, mesmo pensada dentro dos parâmetros das relações sociais capitalistas? (FRIGOTTO, 2010, p. 29).

De acordo com Caldart (2012, p. 257-258),

[...] o surgimento da expressão “Educação do Campo” pode ser datado. Nasceu como primeiro traço da Educação Básica do Campo no contexto de preparação da I Conferência Nacional por uma Educação Básica do Campo, realizada em Luziânia, Goiás, de 27 a 30 de julho de 1998. Passou a ser chamada Educação do Campo a partir das discussões do Seminário Nacional realizado em Brasília de 26 a 29 de Novembro 2002, decisão posteriormente reafirmada no debates da II Conferência Nacional realizada em Julho de 2004. (aspas da autora).

No entanto, esse momento foi de grande responsabilidade, que nos traz a marca da Educação do Campo no primeiro debate constante pela luta dos movimentos sociais do campo, que discute as trajetórias da escola do campo, em busca das identidades camponesas dos trabalhadores rurais. Para isso entende-se que a escola do campo é a produção do conhecimento dos trabalhadores rurais. E que ela vem do poder de força e do intelectual orgânico que somos nós estudantes, que fazemos parte dessa história.

Não obstante,

[...] Utilizar-se a expressão campo, e não a mais usual, meio rural, com o objetivo de incluir no processo da conferência uma reflexão sobre o sentido atual do trabalho camponês e das lutas sociais e culturais dos grupos que hoje tentam garantir a sobrevivência desse trabalho. Mas, quando se discutir a educação do campo, se estará tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam os camponeses, incluindo quilombolas, sejam as nações indígenas, sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural. Embora com essa preocupação mais ampla, há uma preocupação especial com o resgate do conceito de camponês, um conceito histórico e político (KOLING, NERY E MOLINA, 1999) *apud* (CALDART, 2009, p. 258).

Nessa compreensão, engloba toda diversidade das pessoas do campo no que diz respeito à nacionalidade brasileira, com direitos de transformar a

realidade do campo dentro da escola e fora na comunidade. Assim, constituindo no processo de conhecimento e aprendizagem dos povos do campo, dando prioridade à formação de professores para atuar nas escolas do campo. Para isso há uma grande disputa do poder político pela luta dos movimentos sociais, com o poder público pela organização do princípio da Educação do Campo.

Para Caldart, (2012, p. 261-262):

[...] ainda que a Educação do campo se mantenha no estrito espaço da luta por políticas públicas, suas relações construtivas a vinculam a organização do trabalho no campo e na cidade. E as disputas se acirram ou se adentra o debate de conteúdo da política, chegando ao terreno dos objetivos e da concepção de educação, de campo de sociedade, de humanidade.

Para entender melhor a Educação do Campo, principalmente como prática dos movimentos sociais camponeses, é importante situá-la no mesmo campo de luta pelo acesso à educação pública, vinculada à luta contra a tutela política do Estado.

Nesse sentido, a educação do campo busca o conhecimento das sociedades brasileiras como forma de valorizar todos os espaços camponeses do meio rural. Nesta luta está em jogo uma disputa hegemônica que exige cada vez mais a análise da realidade concreta sobre a perspectiva dos estudantes na construção social humana, visando ao resgate da realidade de toda sociedade campesina: agricultores, ribeirinhos, extrativismo, pescadores, seringueiros etc.

Com efeito, o campo de estudos da área de política educacional pode ser compreendido como aquele que analisa os interesses sociais e econômicos que se fazem presente nos programas e ações governamentais no âmbito da educação. Percebe-se na definição de política educacional a compreensão de como nos tornamos seres humanos e como, ao longo da história da humanidade, organizamos o modo de produção (TAFAREL; MOLINA, 2012, p. 569).

### **3.2. LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UNB/FUP - LEdoC**

A implementação do Curso de Graduação - Licenciatura em Educação do Campo – UnB/FUP, atende à demanda formulada pelo Ministério da Educação,

por meio do Edital nº 9, de 23 de abril de 2009. Antes disso, a Universidade de Brasília já oferecia uma Licenciatura em Educação do Campo, aprovada pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão com sua 1ª turma iniciada em 2007 e a 2ª turma iniciada em 2008 (PPP/LEDOC/FUP, 2009).

O Curso tem como objeto a escola de Educação Básica do Campo, com ênfase na construção da organização escolar e do trabalho pedagógico para os anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio. O intuito é formar e habilitar profissionais na educação fundamental e média que ainda não possuem a titulação mínima exigida pela legislação educacional em vigor, quer estejam em exercício das funções docentes, ou atuando em outras atividades educativas não escolares junto às populações do campo. O curso tem a intenção de preparar educadores para uma atuação profissional que vai além da docência, dando conta da gestão dos processos educativos que acontecem na escola e no seu entorno (PPP/LEDOC/FUP, 2009).

Ainda de acordo como esse documento, o curso pretende contribuir para a construção coletiva de um projeto de formação de educadores que sirva como referência prática para políticas e pedagogias de Educação do Campo. Dessa forma, insere-se num esforço de afirmação da Educação do Campo como política pública, em um processo de construção de um sistema público de educação para as escolas do campo.

A matriz curricular desenvolve uma estratégia multidisciplinar de trabalho docente, organizando os componentes curriculares em quatro áreas do conhecimento: Linguagens (expressão oral e escrita em Língua Portuguesa, Artes, Literatura); Ciências Humanas e Sociais; Ciências da Natureza e Matemática; Ciências Agrárias (PPP/LEDOC/FUP, 2009).

A proposta curricular oferece aos estudantes a opção de escolha em duas destas áreas: Ciências da Natureza e Matemática; Linguagens. Cada estudante poderá optar pela habilitação em uma delas, na qual será certificado. A organização curricular prevê etapas presenciais (equivalentes a semestres de cursos regulares) em regime de alternância entre Tempo/Espaço Escola-Curso e Tempo/Espaço Comunidade-Escola do Campo, tendo em vista a articulação intrínseca entre educação e a realidade específica das populações do campo, bem como a necessidade de facilitar o acesso e a permanência no curso dos

professores em exercício, ou seja, evitar que o ingresso de jovens e adultos na educação superior reforce a alternativa de deixar de viver no campo (PPP/LEDOC/FUP, 2009).

## **CAPÍTULO IV: REVELANDO A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DA COMUNIDADE VÃO DE ALMAS**

Este trabalho apresenta a análise de dados coletados através de 19 fábulas, 14 gravadas com 09 pessoas, e 05 escritas realizadas com 05 alunos do 5º ano do ensino fundamental da escola Dona Joana Pereira das Virgens. Portanto, do total de 12 pessoas, 09 são trabalhadores rurais analfabetos, sendo 03 do sexo feminino e 06 do sexo masculino. Com as 09 pessoas participantes da pesquisa, foram feitas gravações de fábulas orais e análise escrita das falas de cada uma delas. Todas as pessoas que contribuíram com esse trabalho são moradores da comunidade Kalunga Vão de Almas.

O intuito foi identificar as diversidades culturais da comunidade, mediante o resgate de suas memórias, ou seja, a fala dos idosos, parte integrante de uma cultura que está sendo esquecida. Assim, colaboramos para que os mais novos conheçam a cultura de seus ancestrais, valorizando-a, pois, no caso das fábulas, são divertimentos que se perpetuam de geração para geração, quando as famílias se sentavam, à noite a ar livre, e contavam vários tipos de histórias que hoje chamamos de fábulas. Essas pessoas, de certa forma, promovem os conhecimentos da oralidade por meio de sua variedade linguística vernacular. Como veremos, nas próximas linhas, o gênero textual fábula se torna um evento de letramento na escola, com a escrita dos alunos.

Nesse contexto, registramos as memórias de fábulas novas escritas por crianças em idade escolar, e antigas, narradas por jovens e adultos idosos. No caso das crianças, a intenção foi incentivar a criatividade dos alunos, levando-os a produzir textos de histórias construídas por eles mesmos. Em relação aos idosos, o intuito foi perceber a importância da oralidade, resgatando narrativas presentes em suas memórias, que servem como forma de perpetuar aspectos culturais fundamentais para as gerações futuras. Essas memórias se materializam na norma escolar, na configuração do gênero textual fábula.

Nesse sentido, descrevemos, a seguir, os gêneros textuais fábulas.

## **4.1. AS FÁBULAS**

Essas fábulas foram produzidas por alunos 5º ano da escola Dona Joana Pereira das Virgens e descrição orais de fábulas dos idosos, que contribui com a finalidade de mostrar a criatividade a partir do seu contexto de produção, buscando valorizar a cultura do lugar. A partir dessas fábulas, pode-se dialogar a atualidade presente em nossa sociedade. Assim, percebe – se que falar em fábulas, estamos falando das variedades de gêneros textuais e variações linguísticas, incorporado esse conjunto no contexto escrito, na descrição e análise das fábulas da comunidade KALUNGA Vão de Almas. Portanto, buscamos uma interação de reconhecimento da perspectiva de contribuir no letramento do nosso mundo

Assim, podemos mostrar a nossa tradição oral por meio de escrita de um contexto cultural, que retrata a nossa realidade local, com a participação dos integrantes da comunidade com as memórias antigas, que são encontradas adiante. Essas fábulas indicam um diálogo como se os animais estivessem dialogando. Por certo, são escritas por alunos que quiseram produzir sua história de fábulas cotidiana.

### **4.1.1. Fábulas Narradas (oralmente)**

Essas histórias que apresentamos, foram contadas por pessoas idosas da comunidade Kalunga Vão de Almas com interesse de valorizar as nossas memórias antigas da comunidade local. Para isso, Foram feitas gravações orais, que posteriormente foram transcrita para o registro escrito.

Nesse sentido, estamos colocando em prática os conhecimentos da realidade dos idosos para servir de pesquisa científica que ajuda os mais novos terem conhecimentos das histórias mais velhas que hoje estão sendo esquecidas.

Mas com essa perspectiva traz o conhecimento da cultura para que não fique esquecida, assim podendo passar para os mais novos o conhecimento que revela o passado, se tornando no presente.

Através dessas memórias colhidas podemos trazer os conhecimentos das pessoas mais velhas, valorizando a comunidade local.

No entanto, compreende – se que a comunidade Vão de Almas não é uma comunidade esquecida sem valor, percebe – se por meio desse trabalho que as pessoas que nela vivem são pessoas integrantes que sabem valorizar suas culturas e memórias do passado. Assim pretende aqui mostrar algumas memórias do passado que revela o presente. na busca do conhecimento.

### **Fábula 1**

#### **Coelho e a onça**

**Narrador: Leoterio Ribeiro dos Santos**

“Tenho 74 anos nasci no sertão de arraia mais fui criado aqui, isso ai tem no meu documento, se mostra, no meu documento vai vê, então tem que contar a verdade”.

Ai, Deus foi fazer uma festa no céu, ai o quelho eu vou muntado na amiga onça, e ai como ocê vai muntado na amiga onça? Nheu munto, ele foi achou uma dúzia de ovo e quebrou na boca provocando ê, amiga onça vamos quelho, vou não vombora po meio de gente, não vô não, ai munta aqui, munto na onça, enton deixa colocar um ferrinho no pé bota, só sossê deixá colocar um caquinho na cacunda bota,caiu, deixa eu colocar um trezinho na sua boca, enton bota o freio,cai ali, cai acolá,chegou lá perto a onça falou assim:

Agora desapia meu amigo, e ai ele falou: Entom você sabia que não dava de me levar até lá proque me trouxe de casa? entom me volta, entom vombora, quando chegou la perto ele disse:

Eu num falei que vinha muntado na amiga onça, e ai chegou o chicote, chegou chicote na amiga onça,não amigo quelho, não amigo pateta, e ele pulou no meio do povo, e saiu na carreira onça, pega aqui pega ali não pegô, agora vô pegar ele la na cama, mah cama,oh mah cama, hoje mah cama tem uma novidade proque todo dia nheu chamo ela, ela responde e agora ela num que respondê, mah cama oh mah cama oi, numca vi coma responde que ela não ta me responde, falei ua ta bom ai foi bebe chamo, chamo, nada, ah tem uma novidade todo dia eu chamo mah água e ela eu ta, nunca vi água responde.

## **Fábula 2**

### **A onça e o macaco**

**Narrador: Leoterio Ribeiro dos Santos**

A onça disse qui tava com fome ai a onça foi caiu dentro do fogue, ai o macaco ia passando, oh sô macaco, mi tira, macaco é amiga onça ocê qué mi comê, não so macaco, me tira, e o quelho tava dum lado assuntano, com pouco o macaco estirou o cabo e la bap, e saltou pra fora, me solta sa onça solta! quem ta com as caça na mão qui solta ela, ocê é besta, ai o quelho a onça ia comer, o macaco falou assim:

\_Engraçado tava numa festa pra todo mundo bater palma , e quem gritar primeiro nós vai da uma vaca gorda, ai heeeerrrr...e a onça largou o cabo do macaco botou no pé e foi bater palma e o quelho saiu correndo e o macaco estirou atrás e a raposa atrás do quelho, pega quelho aqui, pega ali,pega aqui, pega ali, e ai o quelho sumiu,oohh diacho nem macaco nem quelho fiquei com vida na mão.

## **Fábula 3**

### **História dos bichos**

**Narrador: Leoterio Ribeiro dos Santos**

Era o macaco, sapo,quelho, aí disque qui é vai ,fez uma festa tinha muita farofa e u tiú aí evai comeno , comeno comeno,aí foi faze um bali e o tiú queria matar o macaco, que o macaco tomou a namorada dele,aí o tiú nheu tomo do cê, botou o revolvão do lado e o macaco fez um bale e o macaco ta dançando,pulando e o quelho ta dali dum lado assuntando,quando o dia foi limpa ele respondeu:

\_Macaco, vamo cantar uma cantiga? Não nheu to dançando,com pouca el disse assim:

\_Rem ,(") oh,é vem a barra do dia i tiú ta ai dum lado sapo ta top, top.Ai tiú disse assim:

\_Nhu conto ocê, lascou a levanca na barriga de sapo, e ficou tudo pelado, e caiu lá e ai e falou assim:

\_da no mesmo co o que eu faço, e macaco dançando, dançando, e daí e girando dos dois lados, da no da no, o tiú que atira no macaco, e ai e ele falou assim:

\_Esse macaco também ta danado, ta e bom(...) e ai o tiúzão foi rabiando o macaco, bateu a mão no revolve e a agia tacou o pé no revolve dele, e o tiú tacou o pé e derrubou pra lá e o macaco saiu correndo e o tiú estirou atrás, e o macaco subiu em cima do pau e o tiú não subia ficou di baixo perdeu a queston.

#### **Fábula 4**

##### **História do homem, a mulher e a empregada**

**Narradora: Joana Rodrigues**

“Sou Joana Rodrigues da Conceição tem 66 anos nascida e criada na Comunidade Kalunga Vão de Almas.”

A mulher foi pu rio mas a empregada, a empregada pegou ela e jogou ela na água, ai foi atrás do marido dela, e o marido dela chegou, ai o irimão dela falou: Acordu mia irmã, pra ver a acasião, ta amolando Alemanha, pra matar seu irmão, num posso tchá acudir, pra ver a acasião, alefante no colo, água do mar passando, alefante no colo, água do mar passando, acordú mia irmã, pra ver a acasião, ta amolando Alemanha, pra matar seu irmão, num posso tchá acudir, pra ver a acasião, alefante no colo, água do mar passando, ai agora, o homo tirou a mulher di dentro d” agua, ai o que cocê que que faz com a empregada?

Caça pega dois burro brabo que nunca viu cabresto e munta ela e marra uma perna dela de um lado e outra do outra, e pode soltar ela, ai Pedro pegou burro e marrou a perna dela de dum lado e do outro, e ante hoje ela ta correndo que ninguém nunca viu mais.

## **Fábula 5**

### **O homo e os animais**

**Alfredo Dias dos Santos,**

“Eu sou Alfredo Dias dos Santos tenho 83 anos, nasci ,criei na Comunidade Kalunga”.

História do homo que fez uma compra na mão de todos animal do bicho do mato,compro de um compro de outro pra pagar tudo num dia, e ai quando foi o dia des chegar para receber, ai ele mandou a mulhe fazer um grau za luar, ai a mulhe fez, ele pois ai prumeiro chegou a barata, bom dia amigo, bom dia vamos chegar, chegou, mulher, pega um copo de a luar da dona barata, panhou deu, graus aluar quem fez esse graus aluar foi a mah mulhe sentou, com pouco é vem uma galinha, a barata disse:

\_Vix nheu mas essa num unem, ai ele disse:

\_Esconde aqui debaixo da palha, a barata correu e escondeu debaixo da palha, a galinha chegou, bom dia amigo, bom dia vamos chegar, mulhe trás um copo de graus aluar, pra dona galinha trouxe, ela bebeu graus aluar quem fez esse aluar, foi minha mulhe, mesmo assim a barata me disse:

\_Mas essa mulher andou aqui, andou e cadê ela, hihihhi ta cum muito tempo, veio aqui já foi embora, ta debaixo da palha, a galinha rompeu e comeu a barata,umbom galinha já tava ai e já e vem a raposa, vi !!!!! não posso ver essa mulhe, então escondi, aonde eu escondi ai no conto, galinha correu e escondeu lá, a raposa chegou bom dia amigo, bom dia, mulhe trás um grau de aluar pra dona raposa e a trouxe ela bebeu e procurou, graus aluar quem fez esse aluar, foi minha mulhe, mesma assim a galinha me disse:

\_Cadê ela, não ela andou aqui e já foi embora, a raposa pegou a galinha e comeu, no mesmo istante, é vem o cachorro, quando cachorro é vinha a raposa disse:

\_Vix eu mas esse homo não unem, e pra onde eu corro, entra dentro daquela moita, e ai chegou o cachorro, bom dia amigo, bom dia vamos chegar, mulhe trás um copo de aluar pra seu cachorro, ele bebeu, ele disse:

\_ graus aluar quem fez esse aluar,foi minha mulhe, e mesmo assim dona raposa me disse:

\_E cadê ela? quela ta danada comendo minhas galinhas, ela andou aqui e foi embora, ta ai dentro da moita, cachorro foi lá e matou a raposa, hubom cachorro ta ai,com pouca e vem a onça, o cachorro disse:

\_vix nheu mas essa mulhe num unem, aonde eu esconde, esconde aqui dentro daquela impuca, o cachorro escondeu, ai chegou a onça bom dia amigo, bom dia, entra pra cá,entrou,ai disse :

\_Trás mulhe um copo de aluar ai pra dona onça,trouxe o copo de aluar ela bebeu virou e disse:

\_Graus aluar quem fez esse aluar? Foi minha mulhé, mesmo assim o cachorro me disse:

\_Uai, cadê ele? Ele andou aqui foi imbora,ta ali dentro daquela impuca, a onça pegou o cachorro comeu,no mesmo instante quela sento, ai é vem o vaqueiro, ai quando ela viu o vaqueiro ela disse:

\_Mal nheu mas esse homo num unem,ai ela procurou aonde nheu esconde? Pula nesse soti e deita lá em riba , deito,o vaqueiro veio disse:

\_Bom dia amigo, bom dia vamos chegar, chego, mulhé traz um copo de aluar pra o vaqueiro, ai trouxe. El bebeu e disse:

\_graus aluar ,quem fez esse aluar? Foi minha mulhe, mesmo assim amiga onça me disse:

\_ Ela andô aqui? hiiiiii! ela andô aqui faz tempo, já foi imbora, ta ai, imrriba do soti.

O vaqueiro foi mato a onça e disse:

\_Há o negócio queu tinha masu sior vim pra recebe, mas já tô ricibido,queu matei a onça,ela ta danada cumendo meus bizerros,num precisa me paga mas nada. Ai agora entro nu pé du pinto saiu nu pé du pato, o rê mandô dize queu só contasse mas quatro.

## **Fábula 6**

### **História do homem que foi durmi no rio de seu Hogênio**

**Narrador: Fulugêncio Pereira das Virgens**

“Fulgêncio Pereira das Virgens 74 anos mora na Comunidade Kalunga Vão de almas Município de Cavalcante derna que nasceu vive aqui”.

Lá chego e jogou o anzol , ai vez enquanto corre ele estapia e num sai ,Um a hora el deu um tapa e pegou na mão du cara , e o cara vei estapiano, estapiano quando saiu fora foi um nego d, água, um homim d, água. E ai el correu ficô de trás dum á moita de pau e o nego foi avanço na ropa dele pá mosdê .El tava cum á garrucha infiô bem nu meio da iscada era foi tá, quenhé rivirô e el saiu correno.Ai chego cá o povo duvidô, então vomo lá olha.Chegô lá ta de papo parriba ,vei imbora. Quando foi nu outro dia cedo, quês volto, já num tinha mas nada lá, só tava rastiado.

### **Fábula 7**

#### **O homem e a combotera**

**Narrador: Fulgêncio Pereira das Virgens**

O homo foi durmi nu rio, porque pego a combotera. Lá el joga o anzó foi na mixiquera e saiu.Quando a lua cumeço sai a mixiquera deito e el bateu a mão, bateu a mão , mas é linha de agudão e levai, levai,levai.E na mesma da hora el grito parimon e Sr juona ocode aqui juona e a juona foi infiô o pé na vorta da lin a amarro nu pé dela,quando amarro deu coice nu morão a lin a du morão quebro e é vai Juana nu rumo d,agua, é vai Juana nu rumo d, agua grito siora d, abadía a lin a pá incortado nu pé dela quebro foi imbora pêra tinga.

### **Fábula 8**

#### **O nego d´água**

**Narrador: Simão Pereira das virgens, 77 anos.**

Eu vi um nego d,água um dia, eu e Fulozina mia irmã. Ela tava pescano, nós já tim a matado trinta mandim, el ponto bem perto de nós, assim um neguim preto,pretim. Ai el ficou impe, nheu levei a mão na ispingasda pá, atirei nele ,el fundo só deu três bobolha a água freveu foi imbora.

## **Fábula 9**

### **A onça e o homo**

**Narrador: Simão Pereira das virgens , 77 anos.**

Um dia um a sussarana pulo ni mim, mum a tossera de paia, miti um a batibucha nela, ela saiu rastano lá adiente botei o cachorro nela , ela acuo nheu miti o casseti ,miti o casseti matei.

## **Fábula 10**

### **O homo e a muié**

**Narradora: Josefa Pereira Dias**

Nheu chamo Josefa Pereira Dias, nheu to cum 50 ano.

Ai tim a um homo cum bucado de mínimo, ai foi, ai ês foi , u marido foi pesca , e ai ranjo um bucado di pixim, ai a mué foi, oh, marido bota juão mais Maria lá na serra, sinom o cumezim num dá.Oh, mué pra que isso, ês daí mesmo,pois lá. Chego na hora Maria rompeu, e us minim rompeu, chego lá boto lá. A hora qui u melim tive incheno a cabaça,oces corre,ele zua bum, bum,bum, Ai boto us bichim lá nu pé da serra. Ai vei, quando vento passou barulhono falo:\_Oh, Juão, juão oh, juão, juão comeu tudo não. Ai quando chega, bate a mão na cabaça a cumbuca tava seca. Cadê, To nu mundo, cadê o bichous , cumeu Juão. Ai disqui chego lá pego us us peixe,Maria oce fica ai nheu vô caçar um jeito pra nós. Ai a véia t lá. Juão f

Oi chego lá ranjo um biscoitim chip gato, a hora co cumê ti do lá, chip gato a hora co cumê ti do lá.Torno chip gato a hora co cumê ti do lá.Depois do oce, foi assim até incheu o boiço de bolo levo pá Maria. Aonde oce ranjo Juão? Vo lá , vai não Maria, não .Oce num vai não, vô Juão ,não oce num vai não , oce ri não, entom nheu vô, mato uma lagastixa um pra um, outra pra outro.Ela pediu: \_Oce isconde

os cabi di lagastixa ,tabom, quando chega lá João foi ispetá o biscoito o gato fez miau chip gatao hora co cumê ti do lá. Ai torno thup, miau a hora co cumê ti do lá, Maria dano monh netim infia o dedim nun buraco ú mas ta maguim, molos, molos e torno infia u dedim chega pra cá monh metim, chorono o que qui tem monh netim?\_Há vai panha lenha, boto u tacho no fogo, fogo mais, fogo mais fogo odiá, o tacho ferveu a véia panho o facão, Pisquindim, pisquindim ponho meu facão,pisquindim piquindim ponho meu facão, dança monh metim não manh vó nunca subi dança. Ai foi dança , dança direito cê prendê pisquindim pisquindim,cadê meu facão, pisquindim pisquindim cadê meu facão. Aí água meu netim, azeite mais azeite, água meu netim, azeite mais azeite mia vó, buf, avó cabo morreno.

## **Fábula 11**

### **História das bicharadas**

**Narrador: Paulo Vieira Maia**

Meu nome é Paulo Vieira to cum 65 ano. Vou conta pra vocês a História das bicharadas daqueles tempo antigo.

Eles culiares pra ir uma festa. Aí a onça trato masu quelho o dia marcado desi pa festaAí o quelho falo pá bicharada:

\_Esse dia nheu vou chega lá muntado ni onça! Nheu vo , quando chego u dia amiga onça chego , ho,amigo quelho vombora? \_ Oh, amiga onça to aqui cum a do de dente, qui num agüento,di pé num do conta di ir não. Aí a onça , oque vamo fazer, oce munta ni mim amigo quelho , nois vai , mas quando chega lá perto oce apêa, tabom amiga, munto evai ai, ai, ai que qui é amigo quelho?

\_Dessi jeito nheu num guento ir não, o que qui ta faltano amigo quelho? Ta faltano um negocim que põe incima pra mim munta,intom põe, ele pego a sela perto munto, evai ,ai, ai, ai o que é amigo quelho?

Ta faltano um negocim que coloca na boca oca, dessi jeito sem colocá essi ai nheu num vo não, num guento, entom põe, o frei coloco evai ai, ai, ai o que qui é amio quelho?

É amiga onça dessi jeito nheu num vo não, ta faltano um negocim que coloca dibaixo do cabo e nos peito, é o peitoral, ai evai ai, ai, ai desse jeito num vo não que qui é ta faltano? Um negocim qui coloca aqui nu pé, entom coloca, é ispora,coloco, evai ai, ai, ai dessi jeito sei qui num vo não, que qui é amigo quelho ta faltano? Um negocim qui coloca aqui na mão, é o chicote , entom põe amigo quelho coloco, o chicoti, evai evai olá amigo quelho quando chaga lá preto oce apia, Apia aqui amigo quelho ê, seu apiá aqui num chego não, evai, evai quando começo enxeigar o povo ele falo:

\_Aqui num apeio não. Aí eli chego as zispora, mexeu chego chego o chicoti, nheu num falei proces moçadas queu chegavo aqui muntado ni onça! Aí quando chego no meio da festa ele pulo bem nu meio do povão e amiga onça saiu correno nem festo.Eli fico ai festo quando foi no outro dia o povo termino a festa e el foi imhora. Lá tem a caminha del deita, a onça , onça ia bispavelo ta cu ollo aberto, tosnava vosta, oce mi paga ta co solho abesto, quando foi uma das hora ela foi , ta cu zói fechado, ela dissi:

\_É agora , aprumo, pulo neli, ele pulo lá di lado, correu, correu entro nu buraco e ela chego meteu mão pego nu quarto deli, ê pego n irais de pau isthá , laigava o quarto deli pegava na rais de pau, aqui oce pego nu quarto de homem, puxava, puxava num saía. Aí o sapo deitado ela disse:

\_Oh, amigo sapo oce fica aqui di lado nheu, vou lá im casa busca um a levanca,ai o sapo fico na boca do buraco,num deixeli saí, o quelho dissi:

Amigo sapo oce gosta di farinha de trigo?

\_É amigo quelho eu como e adoro, entom abra boca e fecha o zói, el bá a mão de areia nu zói deli. El o'la amigo quelho, vo deixa essi chapéu aqui na boca do buraco oce num sai não. Foi lavo , quelho saiu pôs o chapéu na boca do buraco, ta lá a onça chego Ca levanca cadê amigo sapo? Tai amiga onça el bateu, bateu nada.O, amigo sapo oia lá que num ta aqui , não el tai, bateu ante chego nu fim du buraco, nheu num falei quel num tava tai sapo. Há 'só si foi na hora quel pergunto seu gostavo dei de farinha de trigo, nheu falei gostava el mando nheu abri a boca e fecha zói, el foi jogo areia ni mô zói, nheu fui nu rio lava mas nheu falei pra ele qui num saísse não.Há ocê mi paga, num falei coce qui num deixasse el saí, encheu a mão nele, vou joga oce na nagua, ho amiga onça num mi joga nagua não mi joga nu fogo,vou joga oce nagua, oh, amiga onça num fazis

não. Nheu jogo oce é nagua e tepá. El bateu palma, ê bebelo aqui mesno queu queria e thum.

Entrei nu pé du pinto saí no pé du pato, o rei mando dizê que cantasse mais quatro.

## **Fábula 12**

### **O Menino a veia e a Conquinha**

**Narradora: Edita Cesário de Torres Magno**

Meu nome é Edita Cesário de Torres Magno i 60 ano completei.. completei aqui agora dia 15 de sembro. E agora vo canta a história do:

Aí, é o menino pediu a veia um facão pá faze ua arapuca, aí pediu mi dá manh vó u facão aí ela num deu, não, num vo da não, praque oce vai costa mão. Aí el disse:

\_ Não vovó num corto não, oce costa, ai ela foi deixo, costo us pauzim Ca mão, fez a arapuca aimô, aí foi pego ua conquinha. Aí deixo ai. Ai el saiu, quandelo chego cadê manh vó manh conquinha? Nheu cumi miô filho . Oh vovó oce cumeu manh conquinha, cumi mio filho, mas nheu vo da oce um bolo de angu. Aí el saiu pego u bolo de angu pois na lá na parede, aí el saiu chego dissi:

\_ Cadê manh vó meu angu? Uá parede cumeu.

Aí el dissi:

\_ Oh mia vó, mia vó mi da mia conquinha, conquinha qui Déus mi deu, mia vó cumeu meu angu, angu qui parede mideu mia vó cumeu mia conca, conquinha qui Deus mideu.

Aí ela foi deu el um bolo de angu, aí el foi boto na parede saiu quandelo chego dissi assim:

\_ Parede cadê meu angu , meu angu qui mia vó mideu, mia vó comeu mia conca , conquinha qui Deus mideu.

Aí a parede deu el um bolo de sabão, chego lá na frente el topo um a minina lavano ropa sem sabão, cruz num sei cume qui lava ropa sem sabão. Uá oce tem

o sabão mi dá. Aí el deu, entom toma, saiu, chego lá adiente topo um ferrera trabalhano sem camisa. Aí el dissi:

\_ Moça midaá meu sabão, sabão qui paredi mideu, paredi cumeu meu angu angu, qui mia vó mideu, mia vó cumeu mia conca conquinha qui Deus mideu. Aí a moça pego um a camisa deu el, chego lá na frente topo um ferrera trabalhano sem camisa, uê, numca vi trabaia sem camisa. Uá oce tem a camisa midá, toma. Aí el dissi:

\_ ferrera mida mia camisa mia, mia camisa qui Deus mideu.

\_ Aí o ferrera pego um machado deu el, aí el rompeu chego lá adienti topo um Pica- Pau trabaiano sem machado, dissi assim: Uê cume qui trabaia sem machado, oce tem o machado midá. Aí o el rompeu, pica pau midá meu machado, meu machado ferrera mideu, ferrera tomo mia camisa, camisa, mia camisa qui moça mideu , moça tomo meu sabão, sabão qui paredi mideu, parede cumeu meu angu, meu angu mia vó mideu mia vó cumeu mia conca, conquinha qui Deus mideu. Aí pica- pau foi pego uns caroço di arroz deu el, aí rompeu chego lá adienti topo um as rulinhas cumeno grugrulho. Uê, nunca vi cumê grugrulho, entom oce tem o arroz midá. Aí el foi pego deu. Aí a rulinha, midá meu arroz, arroz pica- pica pau mideu, pica- pau tomo mio machado, machado qui ferrera mideu, ferrera tomo mia camisa, camisa qui moça mideu, moça tomo mio sabão, meu sabão qui parede mideu, paredi cumeu meu angu, angu qui mia vó mideu, mia vó cumeu mia conca, conquinha qui Deus mideu. Aí a rulinha bruuu !!!

Entro nu pé du pinto, saiu nu pé du pato, o rei mando dizê, qui cantasse mais quatro.

### **Fábula 13**

#### **Porco e o suculhu**

**Narradora: Edita Cesário de Torres Magno**

Meu nome é Edita vo conta a história do: suculhu

Aí nheu tava na casa di mia vó mais meu pai. Aí quando nós tava lá grito na beira do rio, grito gué, gué e aí ês disse:

\_É , devi qui é sicrulhu qui pego hu poico, ai correu prá lá, pai correu na frente, quando chego lá o sicrulhu tava laçado nu poico. Aí el pego peda oh, genti, sicrulhu laço mio poico aqui, el pedra mais pedra, peda mais peda e aí sicrulhutá imbolado, oh, dia, vai mata meu poico. Iaí quando quis dá fé , el froxo, el froxo o poico,e taca na loca na loca e o poico saiu rastano. E quando chego cá na casa de mia vó , mãe di mio pai, ela falo:

\_ Será qui num vo cumê, meu poico qui u sicrulhu pego? Quel ta machucado , ta machucado qui u sicrulhu machuco.

#### **Fábula14**

##### **A mulhé e a horta**

**Narrador: Nicanôr Bispo da Cunha, 62 anos.**

“Meu nome é Nicanôr Bispo da Cunha, de 1952 do dia 10 de Janeiro 62 anos. Nascido nu Vão de Almas no limite do povo Kalunga, Ciência da Natureza. Nheu nasci com sete mês, fui criado sem mama mia mãe compprô um a cabra pá caba de mi cria, nheu vêvo nu mundo aqui e emqualqué luga, carrego todo amor, im todo luga queu andá. Ciência da Natureza na medicina do trabalho qui Deus mi ilumino e é di ilumina todo dia e toda hora, a ciência do trabalho qui Deus deu nós, nós todo ser humano”.

Aí a mulhe tinha um a hosta, pranto um a hostinha de cuento e cheiro Verdi, cuei pego cume e ela disse:

\_Mrido, ta cumeno mia hosta, será mué quenhé esse qui ta cumeno a hosta? Há nheu vou dicubrir, armo um laço na ponta da hosta de noite, foi foi cuei qui era o cumedo caiu nu laço, i lá nu outro dia el veno a hosta do dono chega, evai lobo berano, oh, diá seu achaço um amigo pá toma essa dispesza mia á davu um prato gordo de galinha. O lobo chego perto, o que é, to abusado de cumê prato di galinha gorda cum arroz, Lobo mi dá, é isso co to caçano. Quando lobo chego a corda lap no peçoço, chega o marido cá foice, miseravo, oce ta cumeno mia hosta

e el leva foice aqui, leva foice ali, lap na corda du pescoço du lobo. Aí lobo certo cum cuei oiano arapuca inrrabo atrás, chego lá cuei subiu nu pau el fico lá cumedo di desce e lobo ta lá di baixo. Aí o cuei fico: um, dois, três, um ni um. Um, dois, três, um ni um. Que isso amigo cuei ? Eu to disfarçano. Um, dois, três, um nu um. Que isso? É um homo qui é vem cua castucheira, quatro cachorro, 'procurano um lobo cua cosda nu pescoçoqui tava cumeno a galinha anheia. Hu lobo começo discambá ca cachorreira. Aí cuei saiu, subiu pá riba, desceu pra baixo, quebro dum lado, e ai cuei lobo foi imhora e cuei saivo a vida.

#### **4.1.2. Fábulas Escritas pelos estudantes da Escola Dona Joana Pereira das Virgens**

##### **Fábula 1**

##### **A onça e o Macaco**

**Autora: Eliane Farias do Santos, 12 anos.**

Oi onça tudo bem?

Como está você?

Também estou bem.

O que você tem lá pra nós?

Lá tem muitas coisas: feijão, arroz, macarrão e bananas.

##### **Fábula 2**

##### **O veado e o Tatu**

**Autora: France Santos Pereira, 10 anos**

O veado andando pela mata encontrou um tatu.

Ele disse:

Oi tatu tudo bem?

O tatu respondeu:

- Tudo bem.

O veado perguntou o tatu: Para onde você vai?

- Eu vou para minha casa.

O veado disse: Posso ir com você?

Sim, pode vim.

O tatu saiu andando na frente do veado e falou:

\_Eu posso sumir de sua vista, porque posso encontrar um buraco e me esconder.

E, você entra em buraco? Falou o tatu:

- Disse o veado não, eu posso correr a distância.

### **Fábula 3**

#### **A paca e a Cutia**

**Autor: Roberto Bispo dos Santos, 15 anos**

A paca falou:

Oi cutia tudo bem?

O que você está fazendo aqui?

Nada, estou com minha barriga doendo.

A paca falou:

Vou procurar um remédio.

Tudo bem.

### **Fábula 4**

#### **A cigarra e a formiga**

**Autora: Fátima Farias dos Santos, 11 anos.**

A cigarra falou:

Oi formiga tudo bem com você?

Comigo estou bem.

A cigarra perguntou:

Formiga, o que tem lá para nós?

-Tem mariposa e marimbondo.

## **Fábula5**

### **O Gato e o Cachorro**

**Autor: Edimilson Alves dos Santos, 12 anos.**

O gato falou:

Oi cachorro, vamos ali pegar um pássaro para nós jantar?

O cachorro respondeu:

\_Vamos.

Aí o gato pegou o pássaro e eles voltaram para casa e foi comer. Mas a carne do pássaro estava cheia de bicho.

E o cachorro perguntou:

Comeu bicho?

O gato não. Aí o cachorro fez ri, rir ir.

## **4.2. ANÁLISE DISCURSIVA: CARACTERÍSTICAS DA ORALIDADE E DA ESCRITA NO GÊNERO FÁBULAS**

### **4.2.1. Da oralidade dos mais velhos à escrita: dos mais novos**

As experiências descritas e escritas nas fábulas foram vivenciadas na comunidade e na escola municipal de ensino fundamental em Vão de Almas, com pessoas que colaboraram com esta pesquisadora. Nas fábulas, verificamos a norma vernácula das pessoas mais vividas em relação à norma linguística dos jovens. Isso mostra por meio do gênero textual fábula, como a escolarização transforma a variedade linguística da Comunidade Vão de Almas, mas não a tradição de contar fábulas, visto que esse gênero faz parte da cultura dessa comunidade e passa de geração a geração.

Apesar de os mais jovens só terem acesso ao letramento da escola, contudo eles têm uma rica tradição de cultura oral, como mostram as fábulas, que nessa comunidade é um gênero discursivo próprio da cultura dos mais vividos. Ainda, verificamos nas fábulas uma forte tendência à abordagem da natureza do território Kalunga.

. Nesse sentido, ainda, percebemos, em um nível micro, que a influência oral é bastante evidente. Isso é perceptível devido à quantidade de repetições, tanto de pronomes como de substantivos e preposições. No registro escrito, ao menos que o escritor queria intencionalmente se aproximar da oralidade, os marcadores da oralidade, apoiadores e marcadores conversacionais não têm utilidade, seja porque se tornam desnecessários seja porque há na escrita uma série de outras palavras, pontuações etc que substituem esses recursos da fala de maneira mais coerente com o registro (MARTINS, 2013).

De acordo com Gomes e Moraes (2013, p.94)

os registros escritos de relatos orais estiveram presentes nas mais diversas culturas em que a modalidade escrita se manifestou. Desde as fábulas, os feitos e as sagas às epopeias e narrativas mitológicas egípcias, gregas, hebraicas, romanas, hindus, chinesas, entre outras.

No entanto, as fábulas reescritas dos adultos são totalmente diferentes das fábulas escritas dos alunos porque as primeiras apresentam uma língua não padrão e fala coloquial. Já os textos dos alunos se aproximam mais da língua padrão.

Assim, podemos perceber que é a língua que ensinamos na escola em sala de aula. Para compreender a língua nas fábulas dos adultos e nas fábulas dos alunos percebe – se que a fala dos adultos não estão erradas. Ali, destacamos as variações linguísticas que a comunidade usa desde seu entendimento que é a língua vernácula. É uma língua usada mais na oralidade na fala dos adultos. Através dessas falas podemos descrever a língua padrão que é a forma da fala correta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa o trabalho a borda o tema da comunidade Kalunga Vão de Almas com gravação de fábula oral pelas pessoas idosas de origem étnica identidade e variação, considerando o seu modo de falar na língua não padrão.que é a fala coloquial , .e registro de fábulas escritas na língua padrão pelos alunos da escola Dona Joana Pereira das Virgens na mesma comunidade com a língua social..No entanto, é o registro da memória dos moradores dessa localidade

Nesse sentido, a vida social nos procede entender o contexto histórico que nos conduz a compreender as condições de vida concreta que vivência cada indivíduo, de acordo com as diversas formas de linguagens, que existem com os sujeitos falantes. Porque traz a realidade da identidade cultural de cada povo camponeses.

Porém o trabalho é constituinte de profunda teorias utilizadas no processo de enriquecer com autor principal, como Mascuch (2011) que fala sobre gêneros textuais, que é uma área interdisciplinar no funcionamento da língua e para a as atividades culturais e sociais.A pesquisa foi feita na comunidade Vão de Almas na casa das pessoas, onde conversei com elas a respeito da minha pesquisa Assim, tive a oportunidade de fazer a gravação de fábulas orais contada por eles. Na Escola Dona Joana Pereira das Virgens foi preparado uma data, onde conversei com os alunos sobre o tema gêneros textuais na escola. Assim foi preparado uma data para ser produzido o trabalho.na escola, onde foi dado o tema e cada aluno escolheu um titulo e produziu o texto fábula, de acordo com a criatividade. O trabalho foi produtivo, os educandos gostaram e quiserem continuar produzindo textos fábulas.a partir do interesse deles.

As fábulas orais foram analisadas de acordo com a fala de cada pessoas que contaram as historias de fábulas. Já a dos alunos também foram rescritas do mesmo tipo que eles produziram,para que no entanto,apresenta a realidade da narrativa dos estudantes.

Com base nos estudos de textos na produção da monografia aprendi vários critérios que promoveu mais um avanço no desenvolvimento de aprendizagem, como citar um autor dentro do texto da monografia como fazer um recuo e outros. Portanto, é a forma de colocar em prática as estratégias de estudos ao longos dos anos de estudos, relembrando os trabalhos que foram apropriados. Fazendo este trabalho aprendi com a comunidade que, nela mesma posso desenvolver pesquisa qualitativa e etnográfica de campo.

Na escola aprendi como trabalhar as estratégias de trabalho pedagógico apropriando das variedades linguísticas da própria comunidade e entorno. E ainda ousa falar da possibilidade de construção de material pedagógico explorado os instrumentos que mediam diálogo, narrativas etc. Como por exemplo: peça de teatro, revistas confecção de gibis e até mesmo expressões semântico e lexicais.

Diante do curso da Educação do Campo na LEdoC, aprendi a importância do trabalho coletivo e como buscar o direito da identidade camponesa das pessoas do campo, para valorizar a própria comunidade local, buscando a cultura tradicional social cultural.

Este trabalho encerra por aqui com várias diversidades e especificidades como ponto de partida da descoberta relações, das criatividade, dos sujeitos do campo tendo a mostrar a sociedade que, a língua varia. E é preciso que aprendermos a valorizar cada indivíduo enquanto sua produção fonética-fonológico que compõem adicionar o português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

ACIR, Mário Karwosk; etal (orga) *Gênero textuais : reflexões e ensino.*- 4, Ed São Paulo: Parábola Editorial 2011.

BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação sociolingüística.* São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAZERMAN, Chales, Atos de fala, gêneros textuais e sistemas de atividades: como os textos organizam atividades e pessoas. In: DIONISIO, Ângela Paiva; HOFFNAGEL, Judith Chambless (orgs). *Gêneros textuais, tipificação e interação.* São Paulo; Cortez, 2006.

BORTONI RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora? :* sociolingüística. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

\_\_\_\_\_ *O professor Pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa* São Paulo : Parábola Editorial, 2008.

CALDART, Roseli Salete; ISABEL, Brasil Pereira; PAULO Alentejano GADÊNCIO Frigottos (orgs) –Rio de Janeiro; São Paulo: Escola Politênica de saúde de Joaquim Venâncio, *Espressão Popular*2012.

] ERICKSON, Frederick; What make School ethnography “ethnographic”? : Anthapology and Educatin Quarterly, vol. 15, 1984. P. 51-66. Tradução Carmem Lucia Guimarães de Mattos (no prelo).

GOMES, Lenicie, *Alfabetizar letrando com a tradição oral.* São Paulo: Cortez, 2013.

GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI, Mônica. (org ) *Letramentos múltiplos, escola e inclusão.* Campinas: Pontes Editoras, 2006.

ROJO, Roxane – *Modulo III: Educação e Língua Materna II: lingüística* São Paulo: Parábola Editorial; 2009.

SOUSA; Rosineide Magalhães; VELASCO, Ana Maria Morães Sarnento (org) em *Língua Materna III* Brasília: UNB, 2007.

TOLOMEU, OLIVEIRA, Jesus, Luzinete;. *A variedade linguística.*Planaltina DF 2013.

file: /// E:/ A % 20influência %20oralidade%20na%20escrita.htm. Acesso 22 – Nov 2014.

[http://PT.Wiki pedia.org/wiki/Varia%.C3%A7%C3%A3o\\_lingu%C3%93stica](http://PT.Wiki pedia.org/wiki/Varia%.C3%A7%C3%A3o_lingu%C3%93stica): Acesso 20 Nov214.

[http:// Letramentodigitalenovastecnologias. bllogspot. com. br/20//2011/2014Aula -0804- diferentes-tips-de.html](http://Letramentodigitalenovastecnologias.blogspot.com.br/2011/2014Aula-0804-diferentes-tips-de.html). acesso 20 nov-2014.

[http:// www. Português. Com BR/ redação/ variação lingüística-língua-movimento. html](http://www.Português.ComBR/redação/variação-lingüística-língua-movimento.html)L  
Acesso 20 nov 2014.